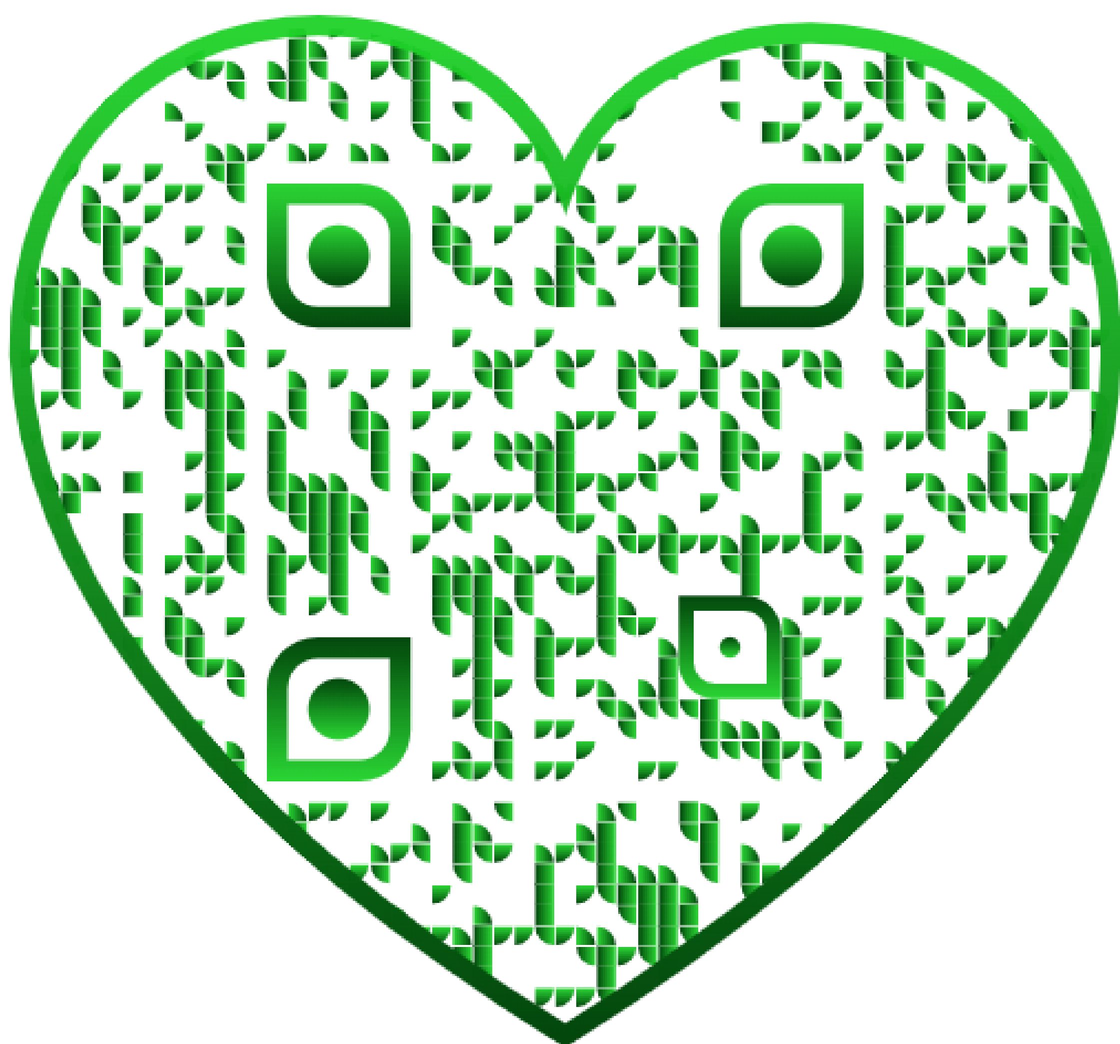
Caminhada

Hermann Hesse

Título Original Alemão:
Wanderung



ÍNDICE

Casa campestre	3
Cemitério no campo	5
O desfiladeiro	6
Passeio à noite	8
A aldeia	9
Desalento	11
A ponte	12
Magnífico mundo	14
A casa do pastor	15
Uma quinta	17
Chuva	19
Árvores	20
Satisfação de pintor	22
Tempo instável	23
A capela	25
O efêmero	27
O descanso	28
O peregrino para a morte	30
O lago, a árvore, a montanha	31
Magia das cores	33
Céu encoberto	34
Casa vermelha	36
À noite	38

CASA CAMPESTRE

Aqui, nesta casa, eu me despeço. Durante muito tempo não verei mais uma casa assim, pois aproximo-me do desfiladeiro dos Alpes onde termina o estilo nórdico do camponês alemão, com toda sua paisagem e língua alemã.

Como é belo transpor tais fronteiras! Sob muitos aspectos o andarilho é um ser primitivo, assim como o nômade é mais primitivo do que o camponês, mas é o desdém pelas fronteiras e pela vida sedentária que torna os seres como eu os guias do futuro. Se existissem muitas pessoas nas quais moraria um tão profundo desprezo pelas fronteiras, como em mim, então não existiriam mais guerras, nem bloqueios. Não há nada mais detestável do que fronteiras, nada mais estúpido, são como canhões e generais: enquanto reina paz, humanismo e sensatez, é como se não existissem. Até zombamos deles, mas quando irrompe a guerra e a loucura, tornam-se santos e importantes. Que cárceres e que sofrimento representaram para nós, andarilhos, durante os anos de guerra! Que o diabo os carregue.

Em meu livro de apontamentos, eu desenho a casa, e os meus olhos vão se despedindo desse teto alemão, desse vigamento, dessa cumeeira, desse algo aconchegante, familiar e pátrio. Uma vez mais amo esse pátrio com maior intensidade ainda, pois é para a despedida. Amanhã, amarei outros tetos, outras choupanas. Não permitirei, como dizem em cartas de amor, que meu coração fique para trás. Ah! não. Eu o levarei comigo, precisarei dele a qualquer hora lá do outro lado das montanhas. Eu sou um nômade e não um camponês, sou um admirador da infidelidade, da mudança e da fantasia. Não penso em deixar o meu amor em parte alguma do mundo, pois para mim o que amamos vejo sempre como uma comparação. Para mim, o amor que se prende e se transforma em fidelidade e virtude é suspeito.

Um viva ao camponês, ao proprietário estabelecido, fiel e virtuoso! Sei amá-lo, respeitá-lo, só não consigo invejá-lo. A metade da minha vida já desperdicei, querendo imitar suas virtudes, queria ser o que não era. Pensava ser um poeta, mas era ao mesmo tempo um burguês, queria ser um artista cheio de fantasias e ao mesmo tempo ter virtudes e desfrutar o pátrio. Precisei de muito tempo até descobrir que é impossível possuir ambos, que eu sou um nômade e nenhum camponês, que procuro, mas não conservo. Durante longo tempo me mortifiquei perante deuses e leis que para mim nada mais eram do que ídolos. Com esse meu engano, meu sofrimento, minha culpa, colaborei na miséria do mundo. Usando dessa autoviolência para comigo mesmo, não me arriscando em seguir o caminho da redenção, aumentei a culpa e o sofrimento no mundo. Esse caminho não segue nem para a direita, nem para a esquerda, leva ao próprio coração onde, e só lá, está Deus e existe paz.

Das montanhas chega até a mim o sopro de um vento leste, de lá me espreitam ilhas do céu azul de outras terras debaixo do qual muitas vezes serei feliz, mas inúmeras serão também as minhas saudades, O ser perfeito da minha espécie, o verdadeiro andarilho, nunca deveria nem conhecer a saudade. Eu, porém, a conheço. Não sou perfeito, nem tento ser. Quero desfrutar minhas nostalgias da mesma forma que desfruto minhas alegrias.

Galgando vou ao encontro desse vento com esse perfume maravilhoso de distância, do além, de limites d'água e de línguas, de montanha e do sul. Vem repleto de promessas.

Adeus, pequena casinha campestre e paisagem pátrias! Despeço-me de você corno o jovem de sua mãe: ele sabe que chegou a hora de separar-se dela, mas sabe que nunca, mesmo que se quisesse, poderia abandoná-la para sempre.

Cemitério no Campo

Sobre cruzes tortas, colina de hera,
Sol ameno, aroma e zumbir de abelha.

Felizes vós, aqui acolhidos
Se ajustam ao coração da boa terra,

Felizes vós, filhos anônimos, retornados
Docilmente descansais no colo materno!

Mas, ouvi, do esvoaçar da abelha e do peito
Me canta a ânsia de viver e de ficar,

Desses profundos sonhos enraizados
De seres longamente apagados

Brota o impulso à luz,
Ruínas humanas, enterradas no escuro,

Se transformam, exigem presença,
E a terra-mãe, como rainha

Nos impulsos do nascer se contorce.
Meigo ninho de paz na cova do fosso,

Não pesa mais que um sonho na noite.
Fumaça cinzenta é só o sonho da morte
Sob a qual o fogo da vida chameja.

O DESFILADEIRO

O vento sopra nesse pequeno e corajoso caminho. Já não existem árvores ou arbustos, só o musgo e a rocha crescem aqui. Por aqui ninguém tem nada para. procurar, ninguém tem propriedade. Aqui no alto, o camponês não tem nem feno, nem madeira. É o longínquo que atrai, a saudade que queima, foi ela que entre as rochas formou esse pequeno caminho, entre pântano e neve, levando para outros vales, outras casas, outras línguas e outra gente.

Bem no alto do desfiladeiro, eu paro. O caminho aqui desce para os dois lados, a água corre para ambos os lados e o que aqui em cima se une, palmo a palmo, leva seu rumo para dois mundos. Essa pequena poça, aqui junto do meu pé, corre para o norte. Sua água desce a longínquos, frios oceanos, mas logo ali, esse pequeno resto de neve vai pingando para o sul. Sua água, descendo pelas costas da Ligúria ou do Adriático, chega até o mar que se delimita com a África. Mas, na verdade todas as águas do mundo se encontram e é no úmido vôo de uma nuvem que o Ártico e o Nilo se fundem. A bela e antiga parábola santifica meu instante. Também a nós, viajantes, qualquer caminho conduz para casa. Meu olhar ainda tem opção: tanto o norte, como o sul, lhe pertencem, a cinqüenta passos, porém, só me restará aberto o sul. Como respira cheio de segredos, com seus vales azulados! Como é forte o bater do meu coração a ele me entregando! É o prenúncio de lagos e de jardins, e o olor de vinho e amêndoa sobe até aqui em cima. Antigo e santo mito de saudade e peregrinação a Roma!

Recordações da juventude ressoam em mim como o repicar de sinos em vales distantes: o «êxtase da primeira viagem ao sul, o inspirar inebriante do generoso ar dos jardins às margens dos lagos azulados, ao entardecer espreitar até a longínqua pátria através dos picos nevados das montanhas que empalideciam! A primeira prece defronte às santas colunas da antiguidade! A primeira e fabulosa visão do mar espumante batendo-se contra as rochas escuras!

O êxtase já não sinto, nem mais o desejo de mostrar a todos os meus entes queridos esse maravilhoso desconhecido e toda a minha felicidade. Em meu coração não habita mais a primavera, já é verão. É diferente o tom da saudação do estranho que chega até a mim, em meu peito o seu eco ressoa bem mais baixinho. Já não jogo o meu chapéu para o alto, nem canto nenhuma canção, mas sorrio, não só com a boca, mas com a alma, com os olhos, com todo o meu ser e ofereço para essa terra, cujo perfume sobe até a mim, sentimentos bem diversos dos de outrora, mais sensíveis, mais perspicazes e experientes, porém mais calmos e mais agradecidos. Hoje, tudo isso me pertence muito mais do que antes, chega a mim com muito maior riqueza e colorido. A minha saudade já não falsifica as cores do desconhecido, meus

olhos se satisfazem com aquilo que aí está, pois já aprenderam a ver e o mundo ficou mais belo do que outrora.

Sim, o mundo está mais belo e eu estou só, mas não sofro em ser só. Não desejo nada diferente. Estou disposto a deixar-me assar pelo sol, estou ansioso em amadurecer. Estou pronto para a morte, pronto para renascer, pois o mundo ficou mais belo.

Passeio à noite

Bem tarde passeio pela empoeirada rua,
A sombra dos muros já se alongam,
Por entre videiras vejo a lua
caindo sobre o riacho e o caminho.

Canções, outrora entoadas,
Baixinho tento afinar,
Inúmeras caminhadas
Sombras a me encruzilhar.

Vento e neve, calor do sol
Tantos anos me recordam,
Noite de verão, raio azul
Na viagem desventura e tormenta.

Bronzeado e possuído
Pela imensidão desse mundo
Sinto-me ainda atraído
Até meu caminho cair no escuro.

A ALDEIA

Essa é a primeira aldeia ao sul das montanhas. É aqui que principia realmente a vida de peregrino que tanto amo: esse vaguear sem rumo, o descansar ao sol, a liberdade da vagabundagem. Eu gosto de viver da mochila e com as calças esfarrapadas.

Enquanto espero que tragam meu vinho da taberna até aqui fora, de repente me lembro de Ferrucio Busoni. "O senhor me parece um tanto rústico", disse-me o prezado homem com um leve toque de ironia, por ocasião do nosso último encontro em Zurique, não faz tanto tempo assim. Andreä regera uma sinfonia de Mahler e, juntos, estávamos reunidos no restaurante habitual. Eu me alegrava em rever o rosto pálido, lívido de Busoni, na despreocupada consciência desse brilhante antifilisteu que ainda temos hoje. Mas, como chegou até aqui essa lembrança?

Eu bem que sei! Pois, não é em Busoni, nem em Zurique, nem em Mahler que penso. É assim que a nossa memória nos ilude quando algo incômodo vai surgindo, então facilmente leva as imagens inocentes ao primeiro plano. Agora já sei! Naquele restaurante encontrava-se também uma jovem senhora, loiríssima e de faces rosadas, com quem não troquei uma só palavra. Oh! Anjo. Vê-la era prazer e tortura, como a amei durante toda aquela hora! Sentia-me como aos dezoito anos!

De repente vejo tudo claramente. Bela, alegre e loura dama! Já não sei como te chamas, te amei durante uma hora e hoje, aqui nessa ruela ensolarada de aldeia, te amo, novamente, durante uma hora. Ninguém nunca te amou mais do que eu, nunca ninguém se entregou tanto para ti como eu, mas eu estou condenado à infidelidade, pertenço aos sonhos que não são amados por uma mulher, senão pelo próprio amor.

Nós, andarilhos, somos todos feitos assim. Nossa ânsia de peregrinar, de vagabundear se constitui na maior parte de amor e erotismo. A metade desse romantismo não é nada mais do que a esperança por uma aventura. A outra metade, porém, é um instinto inconsciente em transformar e aniquilar o erótico. Nós, os peregrinos, já estamos acostumados em acalentar amores impossíveis por serem impossíveis, e aquele amor que deveria pertencer a uma mulher facilmente dividimos entre a aldeia e a montanha, o lago e o precipício, as crianças pelo caminho, o mendigo na ponte, o gado no pasto, o pássaro e a borboleta. Nós separamos o amor da matéria amada, o amor em si nos satisfaz da mesma forma como não buscamos no caminhar a meta, senão só o próprio prazer do caminhar, de estar a caminho.

Jovem dama com o rosto cheio de frescor, eu não quero saber teu nome, não penso em alimentar nem acalentar meu amor por ti, pois não és a meta do

meu amor, senão seu impulso. Darei esse amor de presente às flores do caminho, ao reflexo do sol no copo de vinho, à redonda e vermelha torre da igreja. És tu que fazes com que me apaixone pelo mundo.

Ah! Bobagem pura o que digo! Hoje à noite no albergue, lá na montanha, sonhei com a jovem loura. Eu estava loucamente apaixonado por ela. Teria dado o resto da minha vida, com todos os seus prazeres de andarilho em troca, se ela estivesse estado comigo. É nela que penso o dia todo, é para ela que bebo vinho e como pão, é para ela que desenho em meu livrinho a aldeia e a torre. Por ela bendigo a Deus, que ela existe e que pude vê-la. Para ela comporei uma canção e a mim me emborrascarei nesse vinho tinto. Era assim que estava previsto para mim, que meu primeiro descanso no alegre sul pertenceria à saudade de uma jovem loura além das montanhas. Como era belo o frescor de sua boca! Como é bela, estúpida e fantástica essa pobre vida!

Desalento

Sonâmbulo tateio entre florestas e precipício,
Ao meu redor um círculo de magia brilha,
Sem considerar se solicitado ou injuriado,
Sigo fiel a ordem, minha trilha.

Quantas vezes a realidade me despertou,
Em que viveis e a ela me ordenou!
Desiludido e assustado nela ficava
Porém dela logo me esgueirava.

Oh! Cálida pátria que me tomais,
Oh! Sonho de amor cruelmente desperto
Como a água que volta ao mar
Para ti reflui meu ser, por caminho incerto.

Às ocultas, fontes me guiam com um canto,
Aves do paraíso agitam suas brilhantes penas;
Novamente ressoa da minha infância o acalanto,
No dourado emaranhar e zumbir de abelhas
Junto da mãe me reencontro em pranto.

A PONTE

Pela ponte o caminho passa sobre um riacho de montanha, ao longo de uma cachoeira. Certa vez já andei por esse caminho, já muitas e muitas vezes, mas especialmente uma vez durante a guerra quando minhas férias terminaram e eu precisava, novamente, partir. Tinha que apressar-me pêlos caminhos e vias férreas para chegar em tempo ao serviço. Guerra e serviço, férias e convocação, cartão vermelho e cartão verde, excelências, ministros, generais e escritórios, quão irreal era aquele mundo sombrio, mas vivo e cheio de poder para envenenar o mundo, e a mim, simples andarilho e pintor de aquarelas, tirar-me de meu refúgio. Lá estavam o prado e o vinhedo, e debaixo da ponte era noite, no escuro o riacho soluçava e os úmidos arbustos tremiam. Sobre tudo se estendia um céu rosado que se apagava, breve já seria hora dos pirilampos. Aqui não havia nenhuma pedra que eu não amasse, nenhuma gota na cachoeira pela qual eu não fosse grato e que não descia direta da casa de Deus. Porém, tudo isso não era nada e meu amor por esses tortos e úmidos arbustos era puro sentimentalismo. A realidade era bem outra e se chamava guerra, emanava da boca de sargentos e generais e eu tinha que correr, e de todos os outros vales do mundo mil outros tinham que correr. Era uma nova era que começara e nós, pobres animais, corríamos rapidamente, e o tempo se prolongava ainda mais. Durante toda a viagem a água soluçante sob a ponte cantou em mim, o cálido cansaço do anoitecer ressoava em mim e tudo parecia ridículo demais e confuso.

Agora, todos seguimos, cada qual em seu caminho, ao longo de seu rio, e fitamos o velho mundo, os arbustos e as colinas de prado, com os olhos mais quietos, mais cansados. Recordamos os amigos que jazem enterrados, sabemos que foi preciso, tristes e conformados.

Porém a água, mais bela ainda, desce azul e branca pela colina parda, cantando a velha canção, e o arbusto continua cheio de melros. Nenhuma trompetada ressoa mais ao longe e a maior parte do tempo passa entre dias e noites cheias de mágicas, entre o amanhecer e o anoitecer. Assim, o paciente coração do mundo continua a bater. Se deitarmos na relva e ouvirmos a terra, ou reclinados sobre a ponte ouvirmos a água, ou se longamente olharmos o céu claro, então, ouviríamos o grande e compassado coração. É esse o coração da mãe cujos filhos todos nós somos.

Hoje, passando pelo meu caminho de despedida, me lembro daquela noite, o seu pesar já ressoa em mim de longe, seu perfume e o seu azul nada mais sabem de lutas e gritos.

E o dia há de chegar em que nada disso existirá mais, nada daquilo que tanto angustiou e deformou a minha vida me apavorando. Certo dia chegará a

paz com o último cansaço e a terra mãe me tomará em si. Isso não será o fim, mas a ressurreição, será um banho e um adormecer na qual desaparecerão o velho e o murcho, o jovem e o novo começarão a reviver. Então quero caminhar estradas assim, com outros pensamentos, escutar os riachos, espreitar os crepúsculos sempre mais e mais.

Magnífico Mundo

Se velho ou jovem, é sempre assim que sinto:
Na noite uma montanha, uma mulher silenciosa ao balcão,
Ao luar a leve curva do branco caminho,
De saudades arranca-me do peito o coração.

Oh! Mundo ardente, mulher branca ao balcão,
Distante o rolar do trem, no vale o uivar do cão.
Oh! Como mentis, como me enganais, que amargor,
Apesar de tudo és meu delírio, meu mais doce torpor.

Inúmeras vezes tentei o caminho da terrível "verdade"
Onde câmbio e lei, assistente e moda dominam,
Porém só, sempre escapei, desiludido mas em liberdade
Para lá onde o sonho e a abençoada loucura fervilham.

Na árvore vento cálido da noite, morena cigana,
Mundo de louca saudade e perfume de poesia.
Magnífico mundo a quem sempre me entreguei,
Onde tuas faíscas me fulminam e tua voz me chama.

A CASA DO PASTOR

Passar por essa bela casa desperta em mim uma áurea de saudade e de nostalgia. Saudade de silêncio, calma e burguesia, nostalgia de camas confortáveis, bancos de jardim e olores de cozinha saborosa. Mais ainda, saudade de uma biblioteca, de tabaco e de velhos livros. E na minha juventude, como desprezei e zombei a teologia! Hoje sei que ela é uma erudição cheia de garbo e de magia. Não lida com mesquinharias de metros e de quilogramas, nem com aborrecidas histórias da civilização, onde só se guerreia, aclama e atraiçoa. Com delicadeza e finura ela trata das coisas íntimas, amadas e etéreas, com misericórdia e salvação, com anjos e sacramentos.

Para pessoas como eu, seria maravilhoso viver aqui e ser um pastor. Especialmente para alguém como eu. Será que eu não conseguiria ser aquele homem de paletó preto, subindo e descendo por aí, amando intimamente suas alamedas de pereiras, mas só com o espírito, como em parábolas a consolar os moribundos da aldeia, lendo os velhos livros em latim, com discrição dando as ordens à cozinheira e, aos domingos, com um belo sermão na mente, descer pela alameda ladrilhada até a igreja?

Se fizesse tempo ruim, eu aqueceria intensamente a casa, e debruçado numa dessas lareiras azuis ou esverdeadas, de vez em quando, chegaria até a janela, balançando a cabeça comovido pelo tempo.

Mas, pelo contrário, se o tempo fosse bom, eu permaneceria longamente no jardim cortando e amarrando minhas videiras, ou chegaria até a janela escancarada e, de pé, ficaria olhando as montanhas cinzas e escuras retomarem sua cor rosada e brilhante. Ah! E com que simpatia olharia para qualquer andarilho que passasse por minha porta. Eu o seguiria com pensamentos benevolentes e ternos, com saudade também, pois ele havia escolhido o melhor, ele sim era um verdadeiro e sincero hóspede e peregrino desse mundo e não eu, que representava aqui o senhor, o sedentário.

Um pastor como esse eu talvez pudesse ser, mas talvez também um outro, diferente. No escritório sombrio, lutando com mil demônios, tentaria fazer passar as minhas noites com um pesado tinto da Borgonha, ou angustiado por terríveis pesadelos despertaria, acordado pelo peso da minha consciência dos pecados clandestinos com as minhas fiéis do confessionário. Ou deixaria o portão verde do jardim sempre trancado e o sacristão trabalhar por mim, pouco me importando com a minha posição, a minha aldeia, o diabo e o mundo, sobre um confortável canapé ficaria deitado, fumando e preguiçando, à noite, preguiçoso demais para despir-me, pela manhã preguiçoso demais para me levantar.

Abreviando: nessa casa eu não seria nenhum pastor senão o mesmo, inofensivo e instável peregrino de agora. Não seria nunca um padre, mas, ora um teólogo fantástico, ora um *gourmet* tremendamente preguiçoso perseguindo as garrafas de vinho e as jovens damas, ora um poeta e um mímico, ora nostálgico com o pobre coração cheio de medos e amargura. É por isso que não faz diferença, se olho o portão verde, as alamedas, o belo jardim e a casa do pastor por dentro ou por fora. Se a minha saudade chega da rua pela janela até o quieto e espiritual senhor, ou, se cheia de inveja, acompanha o peregrino. Dá no mesmo, se eu fosse padre aqui ou vagabundo na rua, é tudo igual com exceção de algumas poucas coisas com as quais eu me importo muito. É sentir que a vida palpita em mim, quer seja na ponta da língua ou na planta do pé, quer seja no prazer ou na tortura, que meu espírito seja vivaz, que possa transformar-se em inúmeras fantasias e formas, em pastor e em peregrino, em cozinheira e em assassino, em crianças e em animais, principalmente em pássaros e árvores também. Isso é muito importante, isso eu quero e preciso para a vida, e se um dia não puder ser mais assim e eu tiver que viver na chamada "realidade", então preferirei morrer.

Recostei-me sobre a fonte e desenhei a casa do pastor com esse seu portão verde que tanto amei, e com o campanário ao fundo. É possível que pintasse o portão bem mais verde do que o é na realidade, e na altura do campanário também tenha exagerado um pouco, mas o mais importante é que durante um quarto de hora encontrei nessa casa a minha pátria. Sentirei saudades dessa casa que só vi por fora e na qual não conheço ninguém, a mesma nostalgia que sinto de uma verdadeira pátria, de lugares onde fui criança e feliz, pois também aqui, por quinze minutos, fui criança e feliz.

UMA QUINTA

Quando revejo essa abençoada região ao sul dos Alpes, então tenho a impressão de retornar de um exílio para a minha casa, é como se finalmente me encontrasse novamente no lado certo das montanhas. Aqui, o sol brilha mais intensamente, as montanhas são mais avermelhadas, aqui brotam castanhas e vinho, amêndoas e figos, as pessoas são boas, educadas e gentis, apesar de serem pobres. Tudo que criam parece ser tão bom, tão certo e gentil, como se fosse feito pela natureza: as casas, os muros, as videiras, os caminhos, as plantações e os terraços. Nada é novo, nem velho, é como se tivesse sido feito como uma rocha, uma árvore, um musgo, habilmente copiado da natureza. O muro da videira, a casa, o telhado, tudo foi feito com o mesmo material, tudo combina fraternalmente, nada parece ser estranho, hostil e violento, tudo parece ser familiar, alegre e vizinho.

Você pode sentar-se onde quer que seja, sobre um muro, uma rocha ou um toco de árvore, sobre a relva ou no chão. Em qualquer parte você se verá rodeado por um quadro, por uma poesia, a sua volta o mundo ressoará belo e feliz.

Aqui, nessa quinta, vivem camponeses pobres que não têm gado, só porcos, cabras e aves. Eles plantam videiras, milho, frutas e verduras. A casa é toda de pedra, os tetos e as escadas também, ao pátio leva uma escada esculpida entre duas pilastras de pedra, e por toda a parte, entre pedras e canteiros, desponta o azul do lago.

Os pensamentos e os problemas parece que ficaram para atrás dos picos nevados. Entre pessoas sofridas e coisas feias a gente pensa e sofre tanto. Lá é muito difícil, e desesperadamente importante, achar uma justificativa para a vida, pois, senão, como é que se viveria? Com tanta infelicidade à sua volta a gente se torna melancólico.

Aqui, porém, não existem problemas, a vida não precisa de justificativa, os pensamentos parecem jogos, a gente sente que o mundo é belo e a vida tão curta, mas nem todos os sentidos descansam. Eu gostaria de ter agora mais um par de olhos e mais um pulmão. Estendo minhas pernas sobre a relva, gostaria que fossem mais longas.

Eu desejaria ser um gigante: a minha cabeça ficaria junto da neve sobre um pasto nos Alpes entre as cabras, e meus artelhos, lá embaixo, brincariam com as águas do lago profundo. Assim, ficaria deitado e não me levantaria nunca mais. Entre meus dedos cresceriam arbustos, em meus cabelos as rosas dos Alpes, meus joelhos seriam colinas, sobre meu peito ficariam os vinhedos, as casas e as capelas. Assim, ficaria deitado milhares e milhares de anos, piscando ora para o céu ora para o lago, se espirrasse então choveria, meu

hálito faria a neve derreter-se e dançarem as cachoeiras. Se eu morresse, morreria o mundo inteiro e, então, através dos oceanos, buscaria um novo sol.

Onde pernoitarei hoje? Isso pouco me importa! E o mundo o que faz? Será que criaram novos deuses, novas leis, novas liberdades? Tanto faz! Mas, que aqui ainda flori uma prímula e suas folhas ainda estão aveludadas, que entre os choupos sopra um vento suave e doce, que entre meus olhos e o sol zumbe e esvoaça uma abelha dourada, isso não me é indiferente. Ela zumbe a canção da felicidade, da eternidade, sua canção é a minha história sobre o mundo.

Chuva

Chuva morna, chuva de verão
Borbulha de árvores e arbustos.
Oh! Como é bom e cheio de bênção
Uma vez mais sonhar de verdade!

Quanto tempo fiquei aqui fora,
Quão estranha essa sensação:
Habitar a própria alma,
O estranho, sem atração.

Nada quero, nada peço.
Baixinho cantarolo sons de criança,
E, surpreso, chego ao berço
Dos sonhos quentes de folgança.

Coração como estás machucado
Porém feliz, remexendo cegamente.
Nada pensar, nada saber,
Respirar e sentir, somente.

ÁRVORES

As árvores sempre foram para mim os oradores mais convincentes. Eu as venero entre suas famílias e povos, as florestas e os bosques, mas, ainda mais as adoro quando estão a sós. Então são como os seres solitários, mas não como eremitas que por causa de alguma fraqueza se isolaram, mas como os grandes homens solitários: como Beethoven e Nietzsche. Em suas copas cicia o mundo, suas raízes jazem no infinito. Solitárias, elas não se perdem, senão com toda a força de seu ser procuram a única meta, preencher a sua própria lei desenvolvendo suas formas e se auto-representando. Não existe nada mais santo, mais exemplar do que uma bela e forte árvore. Quando uma árvore é cortada e seu ferimento mortal fica exposto ao sol, então é possível ler-se em seu toco, que ao mesmo tempo lhe serve como lápide, toda a sua história. No cerne e nas ramificações encontra-se fielmente descrita toda a luta, todo o sofrimento, todas as doenças, toda a felicidade e todo seu desenvolvimento nos anos ruins e nos anos fortes, nas agressões e nas tempestades sobrevividas. Todo jovem camponês conhece a madeira mais forte e nobre pêlos seus anéis de vida mais unidos, e que é lá no alto das montanhas, desafiando os mais constantes perigos, que crescem os troncos mais exemplares, mais fortes e resistentes. Árvores são relíquias. Quem sabe como falar-lhes, ouvi-las, esse conhece a verdade. Elas não pregam ensinamentos e receitas, pregam isoladamente a primária lei da vida.

Uma árvore diz: eu trago em mim uma luz, um pensamento, um âmago, pois eu sou a vida da vida eterna. Soberba e única foi a jogada que a eterna mãe ousou comigo em minhas formas, na constituição da minha pele, na mais leve cicatriz em minha casca ou no mais leve movimento de minhas folhas. Nada sei sobre meus pais, nem dos milhares de filhos que ano a ano brotam de mim. Vivo o segredo da minha semente até o fim, além disso nada mais me preocupa. Eu tenho a certeza de ter Deus em mim e que a minha missão é santa e dessa confiança vivo.

Quando estamos tristes, sem mais nenhuma vontade de aturar a vida, então uma árvore pode falar conosco. Ela dirá: Calma, calma! Olhe-me! Viver não é fácil, mas nem tão difícil, pensamentos assim são criancice, cale, deixe que Deus fale em você. Você treme porque seu caminho lhe afasta da mãe e da pátria, mas cada passo e cada dia o levarão novamente ao seu reencontro. A pátria não está lá, nem cá, está em você ou em lugar algum.

A nostalgia de um viajante corta o meu coração quando à noite ouço as árvores sussurrarem. Escutando longamente e, quieto, descubro a essência dessa saudade, que como poderia parecer não é uma fuga do sofrimento, senão a nostalgia por uma pátria, a saudade de uma mãe ou a procura de novos símbolos para a vida. É a saudade que nos guia para casa. Todo

caminho leva para casa, qualquer passo é um nascer, um morrer, qualquer sepultura uma mãe.

É assim, quando à noite sentimos medo de nossos pensamentos infantis, que a árvore cicia. As árvores têm pensamentos extensos, calmos e de fôlego comprido, da mesma forma que sua vida é muito mais longa que a nossa.

Enquanto não aprendemos a ouvi-las, são mais sábias que nós, mas quando conseguimos, então, especialmente essa pressa e rapidez infantil em nossos pensamentos se enche de uma alegria sem igual. Quem já aprendeu a ouvir uma árvore não deseja mais ser uma, não desejará ser nada mais do que é e isso é a pátria, a felicidade.

Satisfação de pintor

Nos campos crescem os cereais, custam dinheiro,
Os prados cercados com arame farpado,
Assim feitos pela necessidade e ganância,
Tudo parece enclausurado, estragado.

Mas, aqui, em meus olhos habita
Nas coisas uma outra lei,
O violeta se dilui e a púrpura domina,
Suas inocentes canções cantarei.

Amarelo com amarelo, amarelo e vermelho unificados,
O frio azul levemente rosado,
Luz e cor revoam de mundo em mundo,
Se curvam e se colorem em ondas de amor.

O espírito que tudo cura, domina,
De novas nascentes o verde ressurge,
Com bom senso a terra será dividida,
Nos corações reinará paz e alegria.

TEMPO INSTÁVEL

Sobre o lago paira um ar morno, cinza e amedrontado, parece que vai chover. Vou até a praia que fica aqui perto de minha hospedaria. Há uma espécie de chuva que é alegre, que refresca, a de hoje não é assim. O tempo todo a umidade desse ar parado sobe e desce, formando pesadas nuvens que caem. Dúvida e mau humor pairam no céu.

E eu, que havia imaginado essa noite tão mais bela: jantar e pernoitar na taberna dos pescadores, um passeio na praia, um banho no lago ou até talvez nadar à luz do luar. Em lugar disso um céu escuro, desconfiado, jorra nervoso suas trombas-d'água caprichosas, e eu, não menos nervoso, vou me esgueirando pela paisagem descomposta. Talvez ontem à noite eu tenha bebido vinho demais ou tido algum pesadelo. Só Deus sabe o que há, só sei que meu humor foi para o inferno, que o ar está morno e pesado, meus pensamentos obscuros e o mundo opaco.

Hoje à noite pedirei para fritarem uns peixes e os comerei, bebendo bastante vinho tinto da região, assim faremos o mundo brilhar novamente e acharemos a vida mais suportável. Para não mais ver e ouvir essa chuva morna, acenderemos o fogo na lareira da taberna, fumarei um longo charuto Brissago e olharei meu copo de vinho contra as chamas fazendo-o brilhar como sangue, certamente faremos isso e então a noite há de passar, conseguirei dormir e amanhã será tudo diferente.

Os pingos da chuva caem sobre a água da praia, um vento frio e úmido agita as árvores molhadas que reluzem como peixes mortos. O diabo entornara o caldo, nada mais está certo e afinado, nada mais alegra e aquece, tudo parece vazio e triste, estragado, os tons desafinados e as cores falsas.

Bem que sei por que tudo está assim. Não é por causa do vinho que eu bebi ontem, nem da cama incômoda em que dormi, nem por causa do tempo chuvoso. Foram os diabos que passaram por aqui e desafinaram corda por corda em meu ser. O medo esteve novamente presente, esse medo dos sonhos de criança, de contos de fada e de desventuras de garoto de escola. Esse medo de estar cercado pelo imutável, essa melancolia, esse nojo. Como é insípido esse mundo! E como é horrível amanhã ter que levantar novamente, comer e viver! Afinal, para que se vive? Por que somos tão idiotamente bondosos? Por que não jazemos há muito no lago? Contra isso não há remédio algum. É impossível ser artista e vagabundo, e ao mesmo tempo um burguês honesto e são. Você quer a embriaguez, então suporte a ressaca! Você procura o brilho do sol e abençoadas fantasias, terá que aceitar a sujeira e o nojo! Isso tudo está dentro de você: ouro e sujeira, vontade e dor, riso de criança e medo da morte. Diga SIM a tudo, não fuja de nada, não se iluda com mentiras. Você não é

nenhum grego, nenhum burguês equilibrado e dono de si, você é um pássaro na tempestade. Deixe que caia a tempestade, deixe-se levar! Quanto você já não mentiu, milhares de vezes representou o sábio e o equilibrado, o feliz e esclarecido em seus livros e poesias! Era assim que lutavam os heróis no ataque enquanto os experientes tremiam! Meu Deus, que pobre macaco é o homem, que parceiro, principalmente o artista, o poeta e principalmente eu!

Farei com que fritem para mim uns peixes e o Nostrano beberei num copo grosso, meu longo charuto sorverei cuspindo no fogo da lareira, e pensarei em minha mãe tentando espremer do meu medo e da minha tristeza alguma gota adocicada. Depois numa cama desconfortável, deitado junto a uma parede fina, ouvirei o vento e a chuva, lutarei contra as batidas de meu coração desejando a morte, mas temendo-a e chamando a Deus, até que tudo passe, até que a dúvida se canse, até que algo como consolo e sono acenem em mim. Era assim quando eu tinha vinte anos, e assim é até hoje e assim será até que chegue o fim. Minha vida bela de vez em quando terei que pagar com esses dias, eles retornarão sempre, esses dias e essas noites, o medo, o nojo e o desespero, mas apesar de tudo continuarei vivendo e amando a vida. Quão sórdidas e falsas são essas nuvens sobre as montanhas! Como é falso e metálico o reflexo da luz sobre o lago! Como é idiota e sem sentido tudo o que me vem à mente!

A CAPELA

Essa capela cor-de-rosa, com esse pequeno alpendre, deve ter sido construída por alguém muito sensível, bom e fervoroso também. Já me disseram muitas vezes que hoje não existem mais homens fervorosos. Seria o mesmo que dizer que hoje não há mais música alguma, nem céu azul algum, pois eu tenho certeza de que existem muitos homens fervorosos, eu mesmo, também, sou apesar de nem sempre ter sido.

O caminho para o fervor deve ser para cada um diferente. O meu passou por muitos erros e sofrimentos, martírios e imensas burrices, verdadeiras selvas de burrice. Eu era um livre-pensador e considerava o fervor como uma doença do espírito, era um asceta que rasgava as carnes com as unhas, desconhecendo que fervor significava saúde e alegria.

O fervor nada mais é que confiança. O homem primitivo, inocente e saudável, a criança e o selvagem têm confiança. Nós, que já não somos nem simples nem inocentes, temos de encontrá-la através de desvios. O começo está na autoconfiança, não se chega à fé através de complexos de culpa, privações, consciência pesada, reservas e sacrifícios, essas formas nos levam a um Deus que não se encontra em nós. O verdadeiro Deus em que devemos crer mora em nós. Quem se lamenta não é capaz de receber Deus.

Oh! Querida e íntima capela dessa terra, você conduz dentro de si símbolos e escritos de um Deus que não é o meu, seus fiéis rezam orações que desconheço, mas mesmo assim sei rezar dentro de vós da mesma forma que rezo numa floresta de carvalhos, ou na relva de uma montanha. Amarelas, brancas ou cor-de-rosa surgem no verde como brotam de dentro dos jovens as canções primaveris. Dentro de vós qualquer oração é permitida e santa.

A oração é tão santa que cura tanto como uma canção. A oração é confiança, é confirmação. Quem ora realmente não pede, só fala de suas aflições, suas necessidades, vai cantando para si mesmo seu sofrimento, sua gratidão, assim como fazem as criancinhas. Era assim que rezaram os santos eremitas que estão retratados no pátio da igreja de Pisa. É o quadro mais bonito do mundo. É assim também que rezam as árvores e os animais. Nos quadros dos verdadeiros pintores cada árvore, cada montanha reza.

Quem descender de uma fervorosa família de protestantes terá que trilhar um longo caminho até descobrir essa oração, pois conhece os infernos da consciência, o mortal espinho da decadência, e já sentiu toda a espécie de divisão, sofrimento e de dúvida. No longínquo final de seu caminho verá, com surpresa, como é simples, infantil e natural a eternidade que procurara por caminhos tão tortuosos, apesar de não terem sido em vão. O filho pródigo é sempre diferente daquele que sempre ficara em casa, ama mais intensamente e

é isento de justiças e ilusões. A justiça é a virtude dos pátrios, virtude muito antiga, pré-histórica. Nós os mais jovens não podemos usá-la porque só conhecemos uma felicidade: o amor, e somente uma virtude: a confiança.

Capelas, eu vos invejo por vossos fiéis, pelas vossas paróquias. Centenas de fervorosos vos queixam suas lamentações, centenas de crianças enfeitam com coroas de flores as vossas portas trazendo suas velas. A nossa fé, porém, a crença dos peregrinos é solitária. Os outros com as suas crenças antigas não desejam ser nossos camaradas e é por isso que as correntes do mundo passam ao largo de nossas ilhas.

Ali no prado bem próximo colho flores: prímulas, trevo e ranúnculos, e as deposito na capela. Debaixo do alpendre, sobre uma muralha, me sento, cantarolando a minha fervorosa canção no silêncio da manhã. Meu chapéu deixei em cima do muro marrom e uma borboleta azul acaba de pousar sobre ele. No vale distante ressoa o apito fino de um trem, sobre os arbustos, aqui e acolá, ainda brilha o orvalho.

O ***efêmero***

Da árvore da vida cai
Folha em folha sobre mim.
Oh! Vertiginoso mundo colorido,
Como você cansa e entedia.
Como é forte essa embriaguez!
O que hoje ainda brilha
Breve desaparecerá.
Sobre meu sepulcro marrom
Breve o vento rangerá.
Sobre a criancinha a mãe se reclina
Seus olhos eu gostaria de rever,
Seu olhar é minha estrela,
Tudo mais pode ir, desaparecer,
Tudo morre, tudo gosta de morrer.
Só a mãe eterna permanece,
Donde viemos,
Seu dedo leve escreve
Nosso nome ao vento.

O DESCANSO

O céu está sorrindo novamente, u m excesso de ar paira sobre tudo. Essa estranha e longínqua terra me pertence de novo, o estrangeiro tornou-se nativo. Debaixo da árvore que fica além do lago será hoje o meu lugar. Já desenhei uma cabana com gado e algumas nuvens também, já escrevi uma carta que não enviarei para ninguém e agora tirarei meu lanche da mochila: o pão, a salsicha, nozes e chocolate.

Aqui bem perto há um bosque de bétulas, eu reparara que o chão estava coberto de gravetos. Sinto Ímpetos de fazer uma pequena fogueira, pois gostaria de tê-la como uma companheira para poder sentar-me junto dela. Vou até o bosque e junto uma boa braçada de chamiços, coloco papel por baixo e acendo. A fina fumaça vai subindo, leve e alegre, a chama avermelhada brilha estranhamente à luz do sol de meio-dia.

A salsicha está deliciosa, amanhã vou comprar uma outra igual. Sabe Deus como seria ótimo se eu tivesse aqui comigo algumas castanhas para assá-las ao fogo! Depois do lanche estendo meu casaco sobre a relva, deito a minha cabeça em cima e fico observando como a fumaça do meu pequeno sacrifício vai subindo pelo claro céu adentro. Ainda faltam um pouco de música e festividade no ambiente, então tento relembrar algumas canções de Eichendorff que conheço de cor. Não consigo lembrar-me de muitas, em algumas não me ocorrem certas estrofes, mas baixinho as cantarolo com as melodias de Hugo Wolf e Othmar Schoeck. As mais belas são: *Quem Procura pelo Desconhecido* e *Querido e Fiel Alaúde.* Essas canções são cheias de melancolia, mas só como se fossem nuvens passageiras que escondem atrás de si todo o sol e a confiança, e isso é Eichendorff, e é nisso que consegue ultrapassar bem além Moerike e Lenau.

Se a minha mãe agora ainda estivesse viva eu pensaria nela, e tentaria dizer-lhe, confessar-lhe tudo que gostaria de saber sobre mim.

Em vez disso chega para perto de mim uma menina de uns dez anos. Ela tem cabelos pretos, fica observando a minha fogueira, pega uma noz e um pedaço de chocolate e senta-se ao meu lado. Com a seriedade e a dignidade comum nas crianças, conta-me de suas cabras e de seu irmão mais velho. Como somos banais, nós os velhos! Aí, ela precisa partir, ir para casa. Ela tinha vindo aqui trazer a comida para o pai. Obediente e séria se despede e com suas meias de lã vermelhas em seus tamancos segue por seu caminho. Seu nome é Anunziata.

O fogo já se apagou, o sol já se adiantou um bocado, e eu ainda quero hoje andar um bom pedaço. Arrumando e fechando a minha trouxa lembro-me de mais um Eichendorff e de joelhos canto:

Breve e quão breve chegará a paz

Então descansarei, sobre mim

A bela solidão da floresta há de sussurrar

E ninguém mais, nem aqui, me conhecerá.

Pela primeira vez noto que até nessa querida estrofe a melancolia é só a sombra de uma nuvem. Não é nada mais do que a leve música do efêmero, sem a qual o belo não nos comoveria. Ela não é sofrida e eu vou levando-a comigo em minha marcha. Satisfeito vou galgando pela serra acima, lá embaixo o lago profundo, junto de mim um riacho de moinho com suas rodas adormecidas e os castanheiros, e assim vou seguindo pelo sossegado dia adentro.

O peregrino para a morte

Também a mim chegarás,
Não irás me esquecer,
O sofrimento terminará
A corrente irá se arrefecer.

Ainda pareces estranho e distante
Morte, querido irmão,
Como estrela fria, oscilante
Pairas sobre minha aflição.

Alguma vez, porém, te aproximarás
Cheio de chamas e ardente,
Toma-me, sou tua
Aqui estarei, venha amante!

O LAGO, A ÁRVORE, A MONTANHA

Era uma vez um lago azul sobre o qual, céu azul adentro, erguia-se verde e amarela uma árvore na primavera e além das ondulantes montanhas o céu descansava quieto.

Um viajante estava sentado ao pé da árvore e pétalas amarelas caiam-lhe sobre os ombros. Ele estava cansado e fechara seus olhos, a árvore amarela cobria-o de sonhos.

O viajante retornara á infância, era de novo um menino que ouvia, atrás de sua casa, a mãe a cantar e fitava uma borboleta amarela esvoaçar docemente, era de um amarelo alegre contra aquele céu azul. Então, começou a correr atrás dela pêlos prados, pelo riacho até o lago onde em seu vôo alto passou por sobre a límpida água. Aí o menino voou atrás dela com um flutuar leve, fácil, novo e feliz dentro daquele espaço azul. O sol brilhava em suas asas e ele sobre o lago, acima das montanhas continuava a voar atrás do amarelo. Lá no alto, pousado numa nuvem, estava Deus rodeado pêlos anjos cantando. Um dos anjos lembrava muito sua mãe. Ele segurava um regador, inclinando-o sobre um canteiro de tulipas, para que todos pudessem beber. Foi para junto dele que o menino-anjo voou, abraçando-o.

O viajante esfregara os olhos fechando-os novamente. O menino-anjo trazia uma tulipa vermelha e prendeu-a sobre o busto da mãe, uma outra colocou em seus cabelos, então voaram todos, anjos, borboletas, animais, pássaros e peixes que lá estavam. Quem o menino chamasse para junto de si vinha voando até suas mãos e ficava pertencendo-lhe, deixando acarinhar-se, interrogar e ser mandado embora.

O viajante despertara e pensava nos anjos. Ouvia o leve murmúrio das folhas da árvore e a calma e quieta vida subir e descer em douradas correntes pelo seu caule. A montanha o fitava e lá, coberto num manto marrom, debruçara-se Deus e cantava. Suas canções era possível ouvir por todo lado cristalino do lago, eram singelas, e em surdina misturavam-se ao leve som do correr da seiva da árvore, ao sangue que corria em seu coração, às correntes douradas que o sonho fazia correr pelo seu ser.

Então ele mesmo principiara a cantar, devagar, longamente. Sua canção não tinha arte, era como o próprio ar, como o bater de ondas, soava como o zumbido de uma abelha, mas era a resposta para o Deus distante que cantava, para a seiva que corria pela árvore e para a canção que corria em suas veias.

Longamente, o viajante ficou assim a cantarolar, como o som da campânula ao vento da primavera e do gafanhoto entoando sua música na grama. Talvez tenha cantado toda uma hora ou todo um ano. Cantava

divinamente, com singeleza. Cantava a borboleta, a mãe, a tulipa, o lago, seu sangue e a seiva da árvore.

Quando, distraído, seguiu seu caminho pela quente terra adentro, aos poucos foi se lembrando de sua meta, de seu nome, que era uma terça-feira e que lá, do outro lado, o trem corria para Milão. Agora ele só ouvia ainda um cantar que chegava de longe, do outro lado do lago, era Deus que em seu manto marrom continuava a cantar, mas pouco a pouco o som foi-se perdendo do seu alcance.

Magia das cores

De quando em quando um sopro divino,
Céu em cima, céu no fundo,
Mil canções canta a luz,
No multicolor Deus se fez mundo.

Branco para o preto, quente para o frio
Sentem-se sempre atraidos.
Do eterno turbilhar desse caótico rio
Filtra-se novo o arco-íris.

Pela nossa alma assim se transforma mil vezes em
tortura e encontro
A luz de Deus criada, forma
E como sol a enaltecemos.

CÉU ENCOBERTO

Entre as rochas florescem pequenas ervas anãs. Deitado, olho o crepúsculo e vejo como o céu vai sendo lentamente tomado por pequenas, quietas e confusas nuvens. Lá em cima deve haver ventos que nem sentimos aqui. Vão tecendo as nuvens como se fossem fios.

Como o evaporar e o condensar d´água da terra ocorre dentro de um certo ritmo, da mesma forma que as marés e as estações do ano obedecem seus períodos certos ocasionando suas conseqüências exatas, assim também transcorre tudo em nosso íntimo segundo certas leis e certo ritmo. Um certo Professor Fliess chegou até a calcular uma certa seqüência numérica para determinar a repetição periódica de acontecimentos na vida, parece até Kabbahla, provavelmente é uma ciência Kabbahla. O fato de ser desdenhada pêlos professores germânicos pesa bastante a seu favor.

As ondas depressivas em minha vida, que tanto temo, também retornam com certa regularidade. Não me recordo de datas ou de números, pois nunca obedeci a um diário cronológico. Não sei, nem quero saber se o número 23 ou o 27, ou qualquer outro que seja, tenha algo a ver com isso. Só sei que de tempos em tempos, sem motivo plausível, a minha alma é tomada pela depressão. Então aparece uma sombra sobre o mundo como a sombra de uma nuvem. A alegria soa falsa e a música insípida. A tristeza domina e morrer é melhor que viver. De vez em quando, de repente, essa melancolia me domina. Não sei em que intervalos, mas lentamente, cobre meu céu de nuvens. Principia com uma intranquilidade interior antecipada por pressentimentos, medos e provavelmente pesadelos. As pessoas, casas, cores, os tons de que sempre gosto tornam-se duvidosos, parecendo falsos. A música me causa cefaléias, cartas, todas me parecem desgostosas, como se viessem cheias de subentendidos. Nessas horas ser obrigado a conversar com alguém torna-se um suplício e inevitavelmente leva a mal-entendidos. Por causa dessas horas é que não se possui armas de fogo,mas são nessas que mais se sente a falta de uma. Contra tudo sentimos raiva, sofrimento e queixa. Contra os homens, contra os animais, contra o tempo, contra Deus, contra o papel do livro que lemos, contra o tecido da roupa que vestimos. Mas, todo esse ódio, essa impaciência, essa raiva e essa acusação não se dirigem às coisas, são um reflexo de mim mesmo. Sou eu que mereço o ódio, sou eu que trago discórdia e feiúra ao mundo. Hoje, descanso de um desses dias. Eu sei que agora posso contar com uma pequena pausa. Hoje sei quão belo é o mundo, que para mim durante horas é infinitamente mais belo do que para qualquer outro, que as cores parecem mais doces, que o ar corre mais alegre e a luz flutua com maior leveza. Também sei que tudo isso pago, exatamente, com esses dias quando a vida é insuportável para mim. Existem bons remédios contra a depressão: a fé,

a canção, fazer música, poesias, beber vinho e andar a pé. É desses remédios que eu vivo, como o eremita que vive de seu breviário. Às vezes tenho a impressão que a balança se desequilibra, que as minhas horas boas tornam-se ainda mais raras, menos boas para poderem compensar as más, porém, às vezes, sinto o contrário, sinto ter feito progressos, que as horas más diminuíram, aumentando-se as boas. O que, porém, não desejo nunca, nem nos piores momentos, é o tolerável e santo equilíbrio, aquele eterno intermediário entre o bom e o ruim. Não e não. De preferência uma curva ainda mais acentuada — o sofrimento ainda maior, mas, em contrapartida, os momentos felizes ainda mais brilhantes!

Aos poucos essa má-vontade vai me deixando e a vida é novamente bela, o céu novamente claro e andar tem novamente sentido. Nesses dias de retorno sinto algo como se fosse um bálsamo, o cansaço sem dor, a resignação sem amargura, o agradecimento sem autocomplacência. Aos poucos, devagar, novamente ascende a linha da vida. Já se entoa o verso de uma canção, colhe-se uma flor, brinca-se com a bengala, em suma ainda se vive, vencemos de novo e venceremos outras e outras vezes mais, talvez ainda muitas vezes. Seria impossível para mim descrever se esse anuviado e pesado céu é que se reflete em minha alma, ou se é vice-versa, que leio nesse céu somente o reflexo do íntimo do meu ser. Às vezes tudo isso me parece confundir-se! Há dias em que tenho certeza de que ninguém consegue perceber com tanta exatidão, fidelidade e precisão as mudanças na atmosfera, nas nuvens, nos tons das cores, nos olores e variações da umidade como eu com essa minha velha e nervosa sensibilidade de poeta e andarilho. Outras vezes, como hoje, duvido que jamais tenha reparado, ouvido ou sentido alguma coisa, que tudo que penso e percebo é só um reflexo do íntimo do meu ser.

CASA VERMELHA

Casa vermelha! De seu pequeno jardim e vinhedo exala todo o sul dos Alpes. Muitas vezes já passei por ti e fizeste tremer essa ânsia de andarilho em meu ser fazendo que se lembrasse do seu oposto. Uma vez mais brinco com as velhas melodias: ter uma pátria, uma pequena casa num verde jardim, silêncio ao redor e mais além a pequena aldeia. No quartinho a minha cama olharia para o amanhecer, a minha própria cama, para o sul olharia a minha mesa e lá eu penduraria a pequena e antiga Virgem Santa que comprara em Brescia em outra viagem.

Como o dia que fica entre a noite e o amanhecer, assim entre o sonho por uma pátria e essa ânsia de viajante, transcorre a minha vida. Talvez um dia eu chegue até o ponto quando a viagem e a distância se encontrarão em minha alma e então levarei em mim as suas imagens sem ter que realizá-las. Também talvez chegue o dia em que possuirei pátria em mim, então não mais terei que namorar casinhas vermelhas e jardins. Ter uma pátria dentro de si mesmo!

Como seria então outra a vida! Ela teria um epicentro da qual emanariam todas as forças.

Dessa forma, porém, a minha vida não possui epicentro algum, esvoaça trêmula entre diversos pólos e contrapelos. Saudade de um lar aqui, saudade de estar a caminho lá, uma ânsia por solidão e retiro aqui, ânsia por amor e comunidade lá! Já fui colecionador de livros e quadros e já me desfiz de tudo. Já cultivei o vício e a volúpia que me levou à castidade e ao ascetismo, cônscio venerei a vida como matéria o que me fez descobri-la só como uma função e poder amá-la.

Bem, mas minha função não é trasformar-me, isso é a função do milagre, quem porém o procurar, tentar atraí-lo para junto de si, tentar forçá-lo, desse ele só fugirá. O meu propósito é ficar flutuando entre muitas tensões contraditórias, mas estar pronto para quando o milagre chegar a mim. Meu propósito é estar sempre insatisfeito e sofrer sempre inquietação.

Casa vermelha dentro desse jardim verdejante! Eu já te vivi, não devo desejar viver-te de novo. Já tive pátria uma vez, já construí uma casa, medi tetos e paredes e fiz os caminhos pelo jardim. As paredes enfeitei com os meus próprios quadros. Todo homem possui esse instinto, feliz sou eu de já ter podido viver isso! Muitos dos meus desejos já se realizaram em minha vida: queria ser poeta e consegui, quis possuir uma casa e construí uma, quis ter mulher e filhos e os tive, quis falar aos homens e impressioná-los e consegui, mas cada desejo, rapidamente, transformara-se em saturação e ficar enfastiado eu nunca suportei. Compor poemas ficou para mim suspeito, a minha casa me

tolhia, nenhuma meta alcançada era uma meta, todo caminho era um desvio e todo descanso despertava uma nova nostalgia.

Ainda terei que trilhar muitos desvios e muitas satisfações me decepcionarão, mas algum dia tudo terá um sentido, pois é lá onde os contrastes se apagam que está o Nirvana, dentro de mim porém ainda brilham claras as amadas estrelas da saudade.

À noite

À noite, pêlos campos,
Lentos passeiam os amantes,
As mulheres soltam seus cabelos,
O dinheiro conferem os comerciantes.
Atemorizados burgueses lêem as novidades
Em seus vespertinos,
As crianças dormem sonhos profundos
Cerrando fortes seus punhos.
Cada qual faz o verdadeiro
Seguindo fiel obrigação
Burguês, amantes e recém-nascidos
E eu próprio, negação?
Que nada! Também tenho minhas manias
Das quais me sinto escravo,
Não me prescindo do espírito mundano
Elas também fazem sentido.
Andando, para cima e para baixo,
Danço em meu íntimo,
Sussurrando bobas canções,
Bendigo a mim e a Deus,
Bebo vinho e fantasio
Em ser um pachá,
Me preocupo com meus rins,
Sorrio, bebo ainda mais,
Digo sim ao meu coração,
(De manhã isso é impossível),
De antigas amarguras
Teço brincando poesias,
Vejo a lua e as estrelas a girar
Pressentindo seu sentido,
Sinto-me levado por eles
Sem me importar para onde.

Sentirei saudades dessa casa que só vi por fora e na qual não conheço ninguém, a mesma nostalgia que sinto de uma verdadeira pátria, de lugares onde fui criança e feliz, pois também aqui, por quinze minutos, fui criança e feliz.

Hermann Hesse